

NOTIFICAÇÃO DE SUSPEITA DE RAIVA EM HERBÍVOROS EM CAMPO LARGO, PARANÁ

Notification of Suspected Rabies in Herbivores in Campo Largo, Paraná

Dhandara Aparecida Staroy Pereira¹; Christiano Henrique Petri²; Liédge Camila Simioni Felício³

Palavras-chave: Defesa sanitária. Morcegos hematófagos. Zoonoses

Introdução

A raiva em herbívoros é considerada uma doença infectocontagiosa causada por um vírus RNA que pertence ao gênero *Lyssavirus* e a família *Rhabdoviridae*. O vírus está compreendido em sete genótipos de acordo com o Comitê Internacional de Taxonomia Viral. O gênero 1, inclui o vírus clássico da raiva, que infecta mamíferos terrestres, quirópteros hematófagos e não hematófagos das Américas (Moraes et al., 2011). É uma zoonose de notificação obrigatória e fatal. A sintomatologia clínica da doença é inespecífica e tem sido relatada com grandes variações (Langohr et al., 2003). No início podem ocorrer alterações de comportamento, anorexia, apatia, depressão e incoordenação motora. É considerada endêmica no Brasil, sendo que os bovinos aparecem como a espécie mais afetada seguida por equinos. A principal forma de contaminação dos herbívoros é através da mordedura de morcegos hematófagos infectados. Este trabalho tem por objetivo relatar um caso de raiva em herbívoro que ocorreu no município de Campo Largo – PR, devido à falta de vacinação do animal.

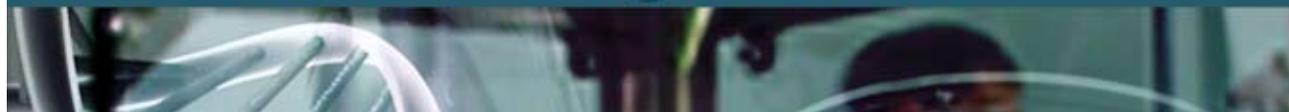
Relato de caso

A equipe da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná do município de Campo Largo recebeu a informação de que em uma pequena propriedade rural havia ocorrido o óbito de uma novilha que apresentava sinais de falta de apetite, afastamento do rebanho, dificuldade de locomoção dos membros posteriores, decúbito, sendo estes sinais compatíveis com raiva. Após o contato, a equipe se deslocou até a propriedade para realizar a coleta de material e investigar o caso. Na chegada da equipe foi realizada a anamnese com o tutor do animal, que informou que as vacinações do rebanho não estavam atualizadas. Também foi relatada a presença de morcegos na região e lesões de mordedura por quiróptero hematófago nesse animal que foi a óbito. Para confirmar a suspeita da doença, foi realizada a colheita do material biológico: córtex, cerebelo e tronco cerebelar, devidamente acondicionados em frasco hermético, em caixa isotérmica e encaminhados para o laboratório Marcos Enrietti. De cada amostra, uma parte foi refrigerada e outra parte fixada em formol. Após 48 horas o laboratório emitiu o laudo, a leitura foi positiva para raiva.

1 Médica Veterinária

2 Médico Veterinário Fiscal da Defesa Agropecuária do Paraná – ADAPAR

3 Professora do curso de Medicina Veterinária da UTP



Resultados e discussão

A maioria dos casos de raiva em herbívoros é contraída pela mordedura causada por um morcego hematófago contaminado, com a inoculação transcutânea do vírus presente na saliva (Machado Junior, 2014). O bovino foi contaminado por um quiróptero infectado, este fato se confirmou através da observação das lesões de mordedura localizadas na tabua do pescoço e pela presença de morcegos hematófagos na região. Os sinais clínicos da doença nos bovinos podem ser classificados de duas maneiras, forma paralítica e forma furiosa. A fêmea bovina infectada apresentou a forma paralítica da doença. Na forma paralítica, o animal pode apresentar depressão, prostração, incoordenação dos membros pélvicos, seguida de paresia e paralisia. Pode apresentar também diminuição da visão, salivação, roncos e mugidos (Lima et al., 2005). O diagnóstico da raiva em bovinos deve ser realizado em laboratórios credenciados ao Estado e o teste de eleição é a imunofluorescência direta (Brasil, 2009). O diagnóstico diferencial inclui outras doenças do Sistema Nervoso Central, como encefalopatia espongiiforme bovina, botulismo, intoxicação, listeriose, encefalite por herpesvírus bovino e poliencfalomielite (Fernandes e Riet-Correira, 2007).

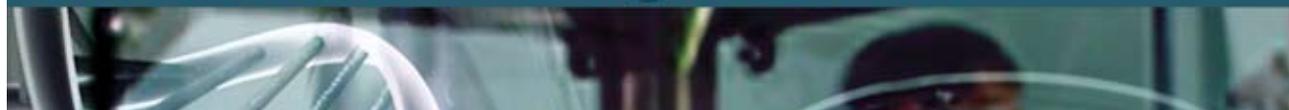
Quanto a vacinação contra raiva em herbívoros, cabe salientar que a vacina é constituída de vírus inativado, sendo que abortos não ocorrem em decorrência da vacinação (MAPA, 2002).

Conclusão

O contato com a Defesa Sanitária Animal (DSA), quando ocorre suspeita de casos de raiva, possibilita o diagnóstico exato da doença. Assim com o resultado em mãos a DSA poderá iniciar um programa de controle e prevenção da doença. Para que os focos de raiva em certa região diminuam efetivamente, deve ser realizado junto com a vacinação, o controle dos morcegos hematófagos das áreas de risco, de acordo com as definições da DSA.

Referências

- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Controle da raiva dos Herbívoros: Manual Técnico. Secretaria de Defesa Agropecuária. – Brasília 2009.
- FERNANDES, C.G.; RIET-CORREIA, F. 2007. Raiva. p. 184-198. In: Doenças de Ruminantes e equídeos. 3ª ed. Pallotti, Santa Maria.
- FERNANDES, A.F. et al. Prevalência de Raiva Herbívora no Estado do Paraná em 2015. Revista Eletrônica Biociências, Biotecnologia e Saúde, Curitiba, n. 15, maio-ago. 2016.
- LANGOHR, I. M. et al. Aspectos epidemiológicos, clínicos e distribuição das lesões histológicas no encéfalo de bovinos com raiva. Cienc. Rural [online]. 2003, vol.33,n.1, pp. 125-131. ISSN 1678-4596
- LIMA, E. F. et al. Sinais Clínicos, Distribuição das Lesões no Sistema Nervoso e Epidemiologia da Raiva em Herbívoros na região Nordeste do Brasil. Revista Pesquisa Veterinária Brasileira, v. 25, n. 4, 2005.



MACHADO JUNIOR, A. B. Estudo Epidemiológico da Raiva em Herbívoros Domésticos no Estado do Mato Grosso do Sul, 2003 – 2012. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Curso de Mestrado. Campo Grande, MS. 2014.

MAPA. Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa nº 5, de 1º de Março de 2002. Regulamento da Defesa Sanitária Animal.

MORAES, J. E. C. et al. Raiva felina no município de Jaguariúna, Estado de São Paulo, em 2010. BEPA, Bol. epidemiol. paul. 2011, vol.8, n.96, pp. 04-10. ISSN 1806-4272.